

## Dinâmica do “Espectro de Opiniões” como alternativa para o ensino crítico em educação sexual

Paula Victória Soares <sup>1</sup>  
Isa Maria Ferreira Azevedo <sup>2</sup>  
Ellen Araújo Malveira <sup>3</sup>  
Edson Holanda Teixeira <sup>4</sup>

### RESUMO

A educação sexual no Brasil é um objeto de conhecimento previsto nos currículos estaduais e apoiado pelos documentos referenciais de ensino no país, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Contudo, esses documentos focam as ações nos cuidados com o corpo e com foco em aspectos da prevenção de doenças e gravidez na adolescência, temas que demandam conhecimentos básicos na área das ciências biológicas. Nesse sentido, diante do pouco tempo para a exploração do tema, as práticas se distanciam do teor crítico da problemática que reflete muitos desafios enfrentados pela sociedade brasileira, como homofobia, abuso, importunação sexual e o abandono parental. Assim, o presente trabalho traz a dinâmica do “Espectro de Opiniões” como alternativa para trabalhar esses temas em paralelo ao conteúdo previsto no currículo do ensino médio. Para tanto, apresenta-se um relato de experiência do desenvolvimento e aplicação do recurso didático como metodologia ativa. A atividade foi elaborada em uma ação de extensão sobre o tema “IST's e métodos contraceptivos” e consistiu em uma projeção com 21 afirmativas (opiniões populares) acerca da sexualidade humana, além da produção de 40 placas em cores verde (frente) e vermelho (verso). Os participantes da dinâmica, que compreendiam cerca de 40 estudantes do primeiro ao terceiro ano do ensino médio, deveriam concordar (usando a cor verde) ou discordar (usando a cor vermelha) da frase exposta no slide. Sobre cada afirmativa um estudante foi convidado a explicar seu ponto de vista e os demais foram convidados a debater junto as mediadoras sobre cada uma das colocações. O momento foi finalizado com “tira-dúvidas” sobre educação sexual e o método demonstrou ser uma excelente opção para discussões de tema de caráter social no contexto da educação sexual, corroborando a formação cidadã dos discentes.

**Palavras-chave:** Ensino Médio, Sexualidade, Recurso Didático, Metodologia Ativa.

### INTRODUÇÃO

A educação sexual é uma temática que vêm sendo amplamente discutida no Brasil, sobretudo, diante do viés político empregado a ela nos últimos anos, que ganhou força nos discursos e campanhas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (Moura, 2023).

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará, paula.victoria@aluno.uece.br;

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Patologia da Universidade Federal do Ceará, isamferreira@alu.ufc.br;

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Biotecnologia de Recursos Naturais da Universidade Federal do Ceará, ellenmalveira11@gmail.com;

<sup>4</sup> Professor orientador: Professor do Departamento de Patologia e Medicinal Legal da Universidade Federal do Ceará, edson@ufc.br.

Nos Estados Unidos da América, essas temáticas também vêm sendo menos discutidas nos últimos anos, destacando-se entre os jovens negros, os que vivem em comunidades rurais, jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer (LGBTQ+) que recebem ainda menos educação em saúde sexual (Dickson *et al*, 2023).

Nesse contexto, a educação sexual deve ir além de ensinar sobre a sexualidade humana de maneira biológica, mas também discutir suas esferas comportamentais, a fim de conquistar a autonomia sobre o corpo e conhecimento sobre o espectro sexual humano. Ademais, é principalmente durante a adolescência e na escola que ocorrem as contestações filosóficas relativas ao tema sexualidade (Salhah *et al.*, 2022), fato que também é esperado visto que a escola é um ambiente de socialização importante desse período (Sartori, 2022). Assim, é necessário conhecer os desdobramentos dessa temática no contexto da educação brasileira.

No Brasil, como destaca Moura (2023), a educação sexual vem sendo alvo de debates amplos que vigoram em torno da adoção do tema pela extrema-direita como estratégia de marketing político-fundamentalista-conservador. Contudo, essa conduta contraria o fato de educação sexual ser uma temática prevista nos currículos nacionais, ainda mais sendo que os Parâmetros Curriculares Nacionais a incluem como tema transversal (Sartori, 2022). Assim, o que se observa no cotidiano das escolas brasileiras é o tema educação sexual amparado apenas no conhecimento biomédico, refletido no protagonismo do componente curricular Biologia na abordagem do assunto (Moura, 2023).

A “proliferação” das discussões sobre a educação sexual teve início nos anos 80 no momento da redemocratização e pandemia da AIDS no referido país (Cassiavillani; Albrecht, 2023). Dessa forma, uma das últimas polêmicas sobre o tema remonta à formulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Vicente (2024) explica que timidamente nas diferentes versões da BNCC os termos gênero e sexualidade foram sendo apagados, embora seus objetivos de ensino se expressem no documento, que voltou o assunto para as ciências naturais, mais especificamente a ciência e biologia.

A BNCC guia a formulação dos currículos no Brasil, sendo estes constantemente associados às relações de poder em sociedade, visto que o que os conteúdos selecionados refletem também a ideologia dominante (Sartori, 2022). Diversos autores apontam o protagonismo das disciplinas de ciências e biologia na educação sexual como preocupante, já que existe uma tendência forte de um viés biologista do tema, excluindo-se a perspectiva cultural e social (Moura, 2023). Souza, Dornelles e Meyer (2021) ainda

demonstram preocupação com essa realidade já que a formação do professor de biologia exclui outras possibilidades do tema sexualidade, tendo foco em temáticas como: IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis), gravidez, fisiologia do sistema reprodutor, que são importantes porém refletem o caráter classificatório e mecanicista da biologia.

Assim, a versão oficial da BNCC para o ensino médio coloca as seguintes habilidades para exploração dos temas de educação sexual, nas ciências da natureza:

(EM13CNT305) Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade

(EM13CNT310) Investigar e analisar os efeitos de programas de infraestrutura e demais serviços básicos (saneamento, energia elétrica, transporte, telecomunicações, cobertura vacinal, atendimento primário à saúde e produção de alimentos, entre outros) e identificar necessidades locais e/ou regionais em relação a esses serviços, a fim de avaliar e/ou promover ações que contribuam para a melhoria na qualidade de vida e nas condições de saúde da população (BRASIL, 2020)

Tendo em vista essas habilidades, é urgente a elaboração de estratégias que rompam as expectativas biologistas e conservadoras dos currículos das ciências e biologia e contemplem as demais questões necessárias a educação sexual.

Diante disso, faz-se necessário refletir sobre a importância do ensino crítico no âmbito da educação sexual. Yaled, Melo e Vieira (2020) encaram o pensamento crítico (PC) como finalidade da educação e argumentam que “o PC pode contribuir no enfrentamento às complexidades da vida, do cotidiano e no futuro” (Yaled; Melo; Vieira, 2020, p. 6). Nesse viés, ao reconhecer o PC como crucial para a educação, o ensino crítico deve ser adotado por professores a fim de alcançar os objetivos de emancipação de uma educação transformadora. Assim, o presente trabalho dialoga com duas vertentes da pedagogia crítica por meio de Freire (2023), pautado na Pedagogia Libertadora, bem como por Libâneo (2003), pautado na Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, a fim de traçar convergências entre essas vertentes e a educação sexual.

A aplicação de estratégias educativas por equipes multidisciplinar de extensão universitária é muito explorada na área da saúde, como aponta o trabalho de Santana et al. (2021). Os autores ainda ressaltam que a extensão universitária deve integrar os universitários de maneira plena nos contextos reais e cotidianos daquela comunidade que se visita, sendo que é exitosa em construir conhecimento nos espaços a fim de aumentar

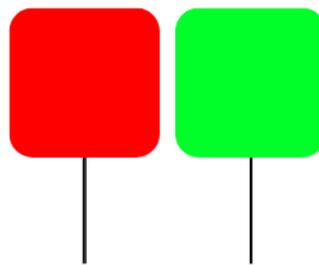
a adesão de boas práticas em saúde. Outrossim, diante da importância da educação sexual e sexualidade como tema que fornece reflexões críticas e transformadoras necessárias para a prática cidadã dos jovens, é necessário pensar em métodos que oportunizem discussões que contemplem o viés político-social-cultural dessa temática.

A partir disso, o presente trabalho visa também propor a dinâmica do “Espectro de opiniões” como estratégia didática lúdica e participativa que permite reflexões dos estudantes em sala de aula sobre diversas noções que se referem a sexualidade. Além disso, relata a experiência de uso do método e seus desdobramentos em uma ação de extensão para estudantes de diversas séries do ensino médio.

## **METODOLOGIA**

O “Espectro de Opiniões” é uma dinâmica que visa captar as percepções e sentimentos dos alunos em relação a algum tema específico, com finalidade de propor um debate pautado nos conhecimentos previamente postos em sala de aula e mediado por um professor. Os materiais necessários para elaboração do momento são apenas: a projeção de slides (que podem ser substituídos pela explanação oral) das afirmação e as placas de concordância ou discordância (figura 1). As placas devem possuir dois versos coloridos, sendo um vermelho usado para indicar discordância com a afirmação exposta e um verde para indicar concordância do aluno.

**Figura 1- Placa de concordância (em verde) ou discordância (vermelho)**



Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto as afirmações, é interessante que sejam dialógicas com a realidade dos estudantes, sendo interessante incluir colocações anteriores dos alunos em pauta. Outro fato importante sobre as afirmativas exploradas é que elas devem trazer noções do conteúdo abordado para enriquecer o debate. É preciso ter cautela durante a atividade em

não confundir opinião com fatos. Os temas que foram usados na aplicação da presente atividade foram pensados pelas integrantes do projeto de extensão envolvido que somaram com colocações populares, crenças e ideias com que já haviam se encontrado. O quadro 1 mostra as afirmações usadas durante a ação.

### Quadro 1- Afirmações trabalhadas durante o momento com os estudantes

1.	Homossexuais são grupo de risco para o HIV pois frequentemente fazem sexo sem preservativo
2.	Toda IST apresenta sintomas
3.	Em caso de implante de DIU, o uso de camisinha se torna dispensável
4.	A escola não deve abordar assuntos relacionados a sexualidade pois este é um dever da família
5.	Toda mulher sangra durante a primeira relação sexual
6.	Sexo oral não exige uso de preservativo, já que não oferece nenhum risco
7.	A gravidez na adolescência pode ser evitada por meio de leis rígidas de abstinência sexual
8.	Homens não são capazes de ter parceiro fixo pois a poligamia faz parte do seu instinto
9.	Pessoas em situação de vulnerabilidade social têm mais chances de contrair uma IST
10.	Urinar após a relação sexual diminui o risco de infecções
11.	Nem toda IST é contraída por meio do sexo
12.	Orientação sexual, gênero e sexo são sinônimos
13.	A higienização correta dos órgãos genitais ajuda a prevenir contra IST's
14.	O uso da PrEP e da PEP é uma forma de prevenção do HIV
15.	A infecção de HPV aumenta os riscos do desenvolvimento de câncer de colo de útero.
16.	O homem deve ser o provedor da família pois evolutivamente cumpre essa função
17.	O preservativo feminino pode ser usado simultaneamente ao preservativo masculino.
18.	Papel de gênero é um termo sinônimo para orientação sexual.

19.	A sexualidade de alguém não é influenciada pela cultura e política de onde ela vive.
20.	Expressão de gênero é um sinônimo para orientação sexual.
21.	A doação de sangue não deve ser feita pela comunidade LGBTQ+.

Fonte: Elaborado pelos autores

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

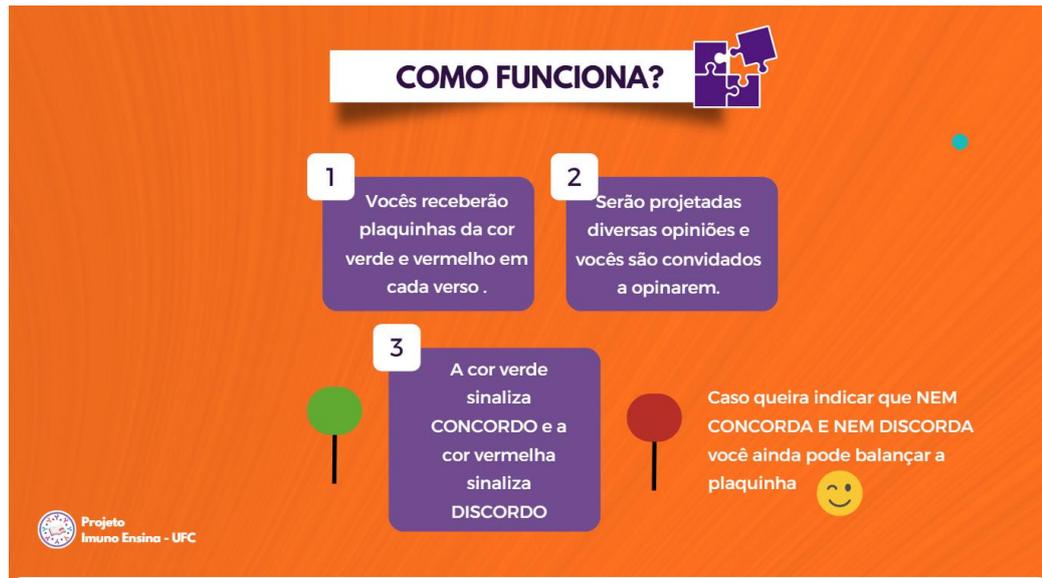
### Relato de experiência

Essa ação aconteceu em uma Escola Pública Estadual do Ceará, na periferia de Fortaleza com alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. Nessa atividade, as mediadoras foram as extensionistas do Projeto Imuno Ensina com o apoio da professora de Biologia responsável pelas turmas. Essa atividade aconteceu em um momento de sábado letivo, em que se repõem aulas a fim de cumprir a carga horária anual.

Inicialmente, houve a acolhida informal dos jovens com apresentação do projeto e comunicação dos conteúdos e objetivos daquele momento. Seriam duas horas de atividade mas devido um problema de infraestrutura para colocar os slides, a dinâmica foi protagonista da ação. De início, foi distribuída as placas e em seguida as regras foram apresentadas (Figura 2). Assim, cada uma das 21 colocações iam sendo discutidas por meio das concordâncias ou não. Em todas as questões, um aluno representante da cor vermelha, verde ou que estivesse indeciso era convidado a apresentar a justificativa da sua opinião, sendo que a recusa para tal era uma opção.

A problemática da confusão entre fato e opinião era pertinente pois é necessário que os estudantes compreendam que alguns conceitos trabalhados ali são questões científicas que inclusive são abordadas nos currículos como os de número 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14 e 15, 17 e 21. Outros temas mais sensíveis e que deveriam ser desconstruídos são os de cunho social como os de número 4, 8, 12 e 16, 18, 19 e 20. Assim, todos os assuntos, ainda que abordados de um ponto de vista opinativo, possuem uma explicação científica a fim de construir e desconstruir novas noções sobre esses temas.

### Figura 2- Slide usado para explicar como ocorre a atividade



Fonte: Elaborado pelos autores

Foi observado que os temas relacionados a temáticas de viés socio-cultural como os que abordavam a questão do papel de gênero (16) ou sobre a população LGBTQIAP+ (1 e 12) geravam mais diversidade de colocações. Por outro lado, os temas de viés conceitual biológico tinham colocações mais homogêneas como os itens 2 e 15. Por outro lado, chamou atenção a grande quantidade de jovens que não conheciam sobre os medicamentos pré e pós exposição (PrEP e Pep). A atividade foi muito útil no que diz respeito a ser gênese de discussões importantes, demonstrando ser um espaço seguro de troca de conhecimentos e até experiências.

Ao discutir o currículo como artefato político, Souza, Dornelles e Meyer (2021) coloca a maneira como esse legitima a heteronormatividade das relações bem como a lógica binária da definição e expressão de gênero. Desse modo, a maneira como a dinâmica implica novas discussões sobre gênero e orientação sexual é muito oportuna visto que qualifica pensamentos ora carregados de conceitos prévios adotados na vivência dos mais jovens. Além disso, a estranheza dos estudantes diante das discussões sobre gênero e sexualidade também foram declaradas no trabalho de Salhah *et al.* (2022) diante da sua experiência com oficinas sobre IST's e prevenção de gravidez precoce.

Ademais, as assertivas dos estudantes diante de afirmações relacionadas ao viés biológico do tema mostra um domínio prévio sobre IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis). Essa experiência remonta a necessidade exposta por Paulo Freire (2023) de respeitar os saberes dos educandos, ainda mais aqueles de camadas populares. Assim, perante a experiência de um projeto de extensão em imunologia e saúde, é necessário,

antes, se portar como ser inconcluído que respeita as vivências e concepções prévias dos mais novos para então buscar intervir nessa realidade. Ainda nesse sentido, em Pedagogia da Autonomia o autor coloca “Por que não estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (Freire, 2023)

No que se refere as limitações da dinâmica, destaca-se o desconforto e timidez de alguns alunos, sobretudo os mais novos, em opinar, dialogar e externalizar sentimentos em relação ao tema. Assim, constantemente era necessário que o espaço funcionasse como momento de troca em que as mediadoras também deveriam opinar e dialogar a fim de mostrar que aquele era um momento propício para tal. Esses cenários, revelados pela ação, colocam a dinâmica do “Espectro de Opiniões” como alternativa para o ensino crítico em educação sexual na medida em que permite:

- 1) Incorporar temas de caráter sócio-culturais em detrimento ao viés biologista da educação sexual;
- 2) Revisar conhecimentos teóricos sobre sistema reprodutivo, métodos contraceptivos e IST's;
- 3) Desconstruir preconceitos e opiniões por meio de discussão baseada em evidências científicas;
- 4) Permitir intrínseca relação entre o professor-mediador, o aluno e o conteúdo.

Diante das potencialidades da dinâmica do espectro de opiniões é importante salientar a relevância dessa estratégia como articuladora com os currículos, visto que permite a permeabilidade dos conteúdos ao passo das discussões socioculturais indicadas pelo professor. Libâneo (2003) argumenta que a valorização dos conteúdos é um fator positivo para a democratização da escola pública, pois permite que a equivalência do ensino no país. Nesse viés, ainda que o trabalho de valores sociais, históricos e culturais sejam essenciais para a prática ética e politicamente relevante das ciências biológicas e da saúde, é importante que isso seja feito de acordo com as normas a fim de não prejudicar os estudantes da educação básica que passam por testes que o nivelam em relação a competências e habilidades comuns a todos.

Ainda sobre as potencialidades do recurso aqui proposto, é importante destacar a importância do professor. A atividade foi realizada com quatro mediadores: a professora da turma e três extensionistas da Universidade Federal do Ceará, sendo que a participação desses na dinâmica favoreceu não só o aceite dos alunos em participar mas

também a fim de permitir as devidas intervenções a fim de elevar o nível das discussões. A presença da extensão universitária nesses espaços contribui muito com as práticas educativas por estimular aspectos como: responsabilidade social, motivação à participação e compartilhamento de saberes (Santana *et al.*, 2021). Os resultados do presente trabalho também corroboram o relato de Lima, Mascêna e Sousa (2019) que ressaltam como o uso de metodologias ativas pela extensão conduz para reflexões importantes a experiência dos extensionistas e dos participantes.

Em detrimento a crença do professor como detentor dos saberes, é necessário adotar uma prática sugerida por Libâneo (2003) que coloca o respeito ao papel do professor reconhecendo sua necessidade como sujeito mais experiente que guia o processo de aprendizagem, nesse sentido o autor coloca:

[...] há um professor que intervém, não para se opor aos desejos e necessidades ou à liberdade e autonomia do aluno, mas para ajudá-lo a ultrapassar suas necessidades e criar outras, para ganhar autonomia, para ajudá-lo no seu esforço de distinguir a verdade do erro, para ajudá-lo a compreender as realidades sociais e sua própria experiência.

(Libâneo, 2003, p. 44)

Assim, a dinâmica do espectro de opiniões no contexto da educação sexual leva os estudantes a contestar aquilo que era de pré-juízo em relação a temas relevante em sua participação cidadã e até realidade local. Desse modo, tendo em vista as concepções aqui já apresentadas sobre o uso do currículo como ferramenta de controle da ideia dominante, mecanismo que regula o que é incluso ou não nas escolas em relação aos conteúdos, faz-se necessário que o professor intervenha apresentando a visão crítico-social dos conteúdos previstos. Essa maneira de trabalho desencadeia a prática transformadora que se espera da educação.

A necessidade de olhar o ensino de temas relacionados a sexualidade com criticidade busca na lógica freiriana o entendimento da educação como “forma de intervenção do mundo” (Freire, 2023, p. 96) que quando não a feita, reproduz o interesse das classes dominantes. Desse modo, a busca por novas metodologias na educação sexual deve ser cotidiana, ainda mais apresentada em um contexto de rápidas mudanças vivenciadas na educação básica no Brasil.

Diante da necessidade de novas “estratégias que substanciam as múltiplas possibilidades” (Souza, Dornelles e Meyer, 2021, p. 297), a dinâmica do espectro de opiniões surge como maneira de se realizar o ensino crítico em educação sexual para alunos de ensino médio. Isso, à medida que propicia a discussão de temas de caráter social

e cultural em paralelo aos aspectos biológicos do currículo, permite discussões e maior dialogicidade em sala de aula e promove reflexões necessárias a prática social dos estudantes. Contudo, é essencial estudar a potencial aplicação nas diferentes salas de aula ao considerar aspectos como a timidez dos alunos e clima de agressividade entre eles.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A dinâmica do “Espectro de Opniões” é uma estratégia fruto de uma intervenção de Educação em Saúde com alunos de ensino médio sobre o tema “‘IST's’ e métodos contraceptivos”. Essa prática surge com o objetivo de complementar a explicação teórica sobre o assunto, mas diante dos problemas técnicos relacionados a infraestrutura da escola foi protagonista do momento e se revela como excelente meio para discussão de temas de caráter biológico em paralelo a questões político-socio-culturais deles. Essa prática corrobora discussões sobre a necessidade de construir novas concepções para o currículo de biologia e ciências que desconstruam a ideia de sexualidade biologista e que permita aos jovens a prática transformadora da sua cidadania.

A estratégia exige o conhecimento prévio da realidade local bem como das concepções daquela comunidade para adaptar as afirmações, regras e até a condução da dinâmica. Entre os possíveis desafios para a prática, pontua-se: escolas com tendência pedagógica tradicionalista onde esses temas são mais sensíveis, timidez dos alunos, desconforto do professor em trabalhar essas temáticas, Diante da importância deste último como mediador, a extensão universitária se mostra excepcional para conduzir o processo tanto para os membros extensionistas que se envolverão na ação, por completar sua formação e permitir troca de conhecimentos com os participantes, mas para os alunos que terão contato com novas ideias sobre as temáticas.

Desse modo, entende-se a dinâmica proposta como alternativa para prática libertadora que contribui significativamente para a formação cidadã dos jovens, à medida que introduz novas reflexões, aproxima o professor e o aluno ao conhecimento bem como trabalha os conteúdos estabelecidos. Sendo o currículo uma ferramenta de controle, as metodologias adotadas pelos educadores somam formas não só de ensino-aprendizagem, mas também de contemplar aquilo que é interdisciplinar e substancial para atuação cidadã dos mais jovens. Além disso, a fim de colaborar para alcance de uma escola pública democrática, como propõe Libâneo (2003), a ancoragem dos conteúdos aos valores

políticos, sociais e culturais é urgente. Faz-se, pois, cada vez mais urgente transformar o ensino, (re)construindo o sabido para conceber uma sociedade sadia para todos.

## AGRADECIMENTOS

Ao Projeto Imuno Ensina que subsidiou os recursos necessários para realização da prática. Também ao apoio financeiro da Secretaria de Juventude de Fortaleza por intermédio do Programa Bolsa Jovem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2020.

DICKSON, E. *et al.* Classroom voices: youth perspectives to direct school-based sexual health education. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, v. 24, n. 4, p. 479-496, 2024. Acesso em: 03 out. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 77<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 19a Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LIMA, I. B.; MASCÊNA, M. S.; SOUSA, M. N. A. Metodologia ativa na extensão universitária: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 9, n. 3, p. 122-125, 2019. Acesso em: 15 out. 2024

MOURA, T. S. A desconstrução da disciplina escolar biologia na educação sexual no brasil: reverberações dos/nos cotidianos escolares e em eventos científicos educacionais. **Diversidade e Educação**, v. 11, n. 1, p. 283-314, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/15462>. Acesso em: 21 set. 2024.

SANTANA, R. R. *et al.* Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 1-17, 2021. Acesso em: 15 out. 2024.

SALHAH, S. *et al.* Educação sexual e sexualidade na escola: estratégias metodológicas para suas discussões. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 116–121, 2022. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/9242>. Acesso em: 30 set. 2024.

SARTORI, T. L. Análise da educação brasileira em face ao estudo da sexualidade: Marginalização da educação sexual na BNCC. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 23, n. 00, p. e022001, 2022. DOI: 10.30715/doxa.v23i00.15558. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/15558>. Acesso em: 30 set. 2024.

SOUZA, E. de J.; DORNELLES, P. G.; MEYER, D. E. E. Corpos que desassossegam o currículo de biologia:(des) classificações acerca de sexualidade e gênero. **Revista e-Curriculum**, v. 19, n. 1, p. 278-300, 2021. Disponível em:

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-38762021000100278&script=sci\\_arttext](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-38762021000100278&script=sci_arttext).

Acesso em 30 set. 2024.

YARED, Y. B.; MELO, S. M. M. de; VIEIRA, R. M. A Importância do Pensamento Crítico em Inovações Curriculares: interface com a educação sexual

emancipatória. **Educação**, v. 45, n. 1, p. 278-300, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/33096>. Acesso em: 30 set. 2024.

**IMPORTANTE:**

**Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais**

**nenhuma alteração ou correção.**

**Após aceitos, serão permitidas apenas correções ortográficas. Os casos serão analisados individualmente.**